



“PEDAGOGIA É LUGAR DE HOMEM?” PENSANDO EM RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFJF¹

Vinícius Rangel dos Santos – FACED/Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: viniciusrangels@gmail.com

Roney Polato de Castro – FACED/Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: polatojf@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho se insere entre pesquisas contemporâneas que pretendem discutir os modos pelos quais as relações de gênero e sexualidades constituem sujeitos. O ponto de partida surge de questionamentos e inquietações para com a formação docente no curso de Pedagogia. Para conduzir este estudo nos inspiramos nas metodologias de pesquisas pós-críticas em educação (MEYER e PARAÍSO, 2012). A pesquisa tem como foco o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Na investigação, foram entrevistados cinco estudantes homens que concordaram em compartilhar suas vivências e percepções enquanto sujeitos masculinos na graduação em Pedagogia da UFJF. Adotando como base os resultados desse processo investigativo, construímos reflexões sobre a “naturalização” do curso de Pedagogia como um espaço (exclusivamente) feminino e os “estranhamentos” acerca da docência masculina nos anos iniciais.

Palavras-chave: Pedagogia; homens; relações de gênero; subjetivação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere entre pesquisas contemporâneas que pretendem discutir os modos pelos quais as relações de gênero e sexualidades constituem sujeitos. Acolhendo o desafio de “pensar o impensado” (MEYER; PARAÍSO, 2012), reunimos um conjunto de questionamentos e inquietações que atravessam o processo de formação docente em Pedagogia, buscando a problematização de realidades já cristalizadas. Dessa forma, buscamos questionar a princípio: é natural que mulheres exerçam funções de cuidado e tenham “jeito” para

¹ Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido nas disciplinas “TCC 1” e “TCC 2” do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF).

Realização:



Apoio:

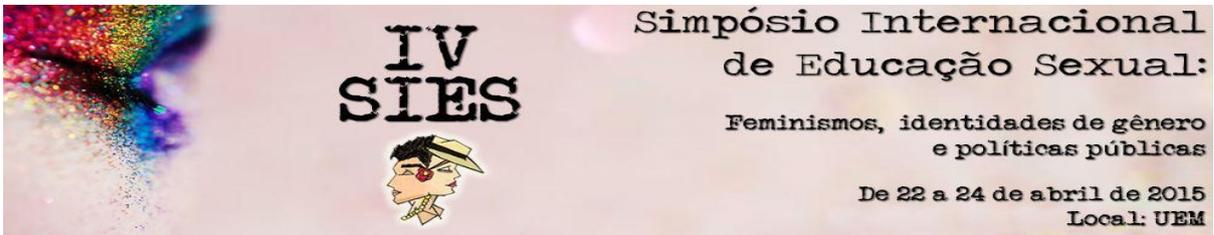


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





lidar com crianças? É “natural” que existam funções femininas e masculinas? Que efeitos essas representações têm sobre os sujeitos? Partimos dessas questões para pensar de que modos as representações de gênero relacionam-se à opção pelo curso de Pedagogia.

Historicamente, constatamos a partir de pesquisas bibliográficas (LOURO, 2011; VIANNA, 2002) que esse é um curso preponderantemente feminino, tendo em vista as representações culturais que associam o cuidado e a educação de crianças às mulheres. A partir de nossa inserção no curso de Pedagogia, como discente e docente, inquietamo-nos com essas representações, que naturalizam “funções” femininas e masculinas, construindo fronteiras para a vivência dos gêneros. Assim, construímos a seguinte questão de investigação: quais são as possíveis dificuldades que um estudante homem poderá encontrar em sua trajetória acadêmica por ocupar esse espaço?

Para conduzir este estudo nos inspiramos nas metodologias de pesquisas pós-críticas em educação (MEYER e PARAÍSO, 2012), que se pautam na problematização dos discursos que instituem verdades sobre os gêneros e na desconstrução das representações binárias de masculino e feminino, entendendo que “qualquer verdade ou certeza (incluindo, obviamente, as nossas) está ancorada no que é possível conhecer num dado momento, portanto é provisória, situada” (LOURO, 2007, p. 241). A investigação foi realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF), tendo a graduação presencial em Pedagogia como unidade de análise e os discentes autoidentificados masculinos como sujeitos da pesquisa. Como instrumento para produzir informações, utilizamos a entrevista semiestruturada, buscando organizar questões que contemplassem as razões e/ou motivos que trouxeram os sujeitos para a graduação em Pedagogia, possibilitando relatos sobre os desafios, obstáculos, (pre)conceitos e projeções decorrentes dessa trajetória, levando em conta suas experiências como homens em um curso preponderantemente feminino.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





No desenvolvimento das entrevistas, ouvimos os relatos de cinco² estudantes homens que concordaram em compartilhar suas vivências e percepções enquanto sujeitos masculinos na graduação em Pedagogia da UFJF, registrando suas falas por meio de vídeo gravação. Adotando como base os resultados desse processo investigativo, discutiremos neste artigo as contribuições das produções acadêmicas encontradas e as falas dos sujeitos, relacionando-as com as questões e inquietações que nos trouxeram para a construção desse trabalho.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Historicamente, nossa sociedade vem realizando investimentos distintos na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres. Desde a infância é possível identificar quais são os brinquedos, brincadeiras, cores, condutas e comportamentos “aconselháveis” e “permitidos” para garotos e garotas. Nesse cenário, os processos de construção dos sujeitos são atravessados pelas relações de gênero, que correspondem ao conjunto de representações culturais e sociais, consolidadas no decorrer da história, que atribuem significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos (AUAD, 2012). Dessa forma, é válido assinalar que usamos o termo gênero para pensar a constituição dos sujeitos, algo que não se remete a designação sexual (biológica) imputada no nascimento (ou mesmo antes dele), mas sim às representações culturais sobre *ser homem* e *ser mulher*, construídas social e culturalmente e como as distinções biológicas são interpretadas e valorizadas de acordo com essas representações.

Simone de Beauvoir, uma das principais teóricas feministas, contribui para a compreensão dessas questões ao argumentar, em uma célebre frase, que “*não se nasce mulher: torna-se mulher*” (LOURO, 2008). De outra forma, mas sob a mesma interpretação, também é correto dizer que *não se nasce homem*, mas *torna-se homem* mediante os processos sociais e culturais exercidos por meio das relações de gênero. Considerando essas reflexões é possível identificar que somos, enquanto

² Os dados fornecidos pela Coordenação do Curso de Pedagogia da FACED/UFJF apontam 16 estudantes autoidentificados masculinos regularmente matriculados entre os 334 estudantes da graduação (nov. 2014).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





sujeitos sociais, resultado de todo um processo de subjetivação que contribui significativamente para nossa formação, nossos comportamentos e escolhas, incluindo, opções profissionais, como é o caso da graduação em Pedagogia.

Contemplando esse contexto, pensamos que a presença masculina no curso de Pedagogia se caracteriza como uma resistência, confrontando os discursos sociais e culturais – permeados pelas relações de gênero e poder –, que instituem a docência para crianças como uma opção (exclusivamente) feminina. Ao problematizar os exercícios do poder considerando as relações de gênero e os argumentos de Michel Foucault, Louro (2011) assinala que é

(...) extremamente problemático aceitar que um polo *tem* o poder – estavelmente – e outro, não. Em vez disso, deve-se supor que o poder é exercido pelos sujeitos e que tem efeitos sobre suas ações. Torna-se central pensar no *exercício do poder*, exercício que se constitui por “manobras”, “técnicas”, “disposições”, as quais são, por sua vez, resistidas e contestadas, absorvidas, aceitas ou transformadas. É importante notar que, na concepção de Foucault, o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir (pois, caso contrário, o que se verifica, segundo ele, é uma relação de violência). (p. 42, 43. *Grifos da autora*).

Considerando as contribuições dos estudos de gênero e do pensamento foucaultiano sobre o exercício do poder e das resistências, retomamos o eixo central desse trabalho, identificando duas temáticas que perpassam os discursos dos sujeitos que participaram da pesquisa e que congregam experiências vivenciadas enquanto estudantes homens da graduação em Pedagogia.

1 – A imagem do homem fora do lugar: a “naturalização” do curso de Pedagogia como um espaço (exclusivamente) feminino

Pesquisas realizadas por Cardoso (2007), Fonseca (2011), Ramos e Xavier (2012), entre outros pesquisadores/as apontam os desafios cotidianos vivenciados por professores homens que exercem a docência com crianças. De outro lado, mas seguindo pela mesma direção, muitas são as contendas encontradas por homens

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





que ingressam em cursos de formação docente, principalmente, aqueles dedicados ao cuidado e educação das infâncias, como é o caso da graduação em Pedagogia. Considerando as relações de gênero e de poder que atravessam esses contextos, analisamos que o fato de haver homens em uma graduação considerada “feminina” e mulheres em uma graduação considerada “masculina” significa poder questionar as possibilidades de atuação demarcadas pelos gêneros – “profissão de mulher”, “profissão de homem” –, criando assim, resistências.

Para que esse cenário seja analisado, é válido recorrer ao histórico da docência no Brasil, no qual o processo de “feminização do magistério” ocorreu de maneira gradual, porém, significativa no decorrer dos séculos. Em relação a essas transformações, Louro (2011) destaca que

(...) no Brasil a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. As primeiras escolas brasileiras regidas por esses irmãos (e a grande maioria daquelas que se organizam a partir de outras ordens religiosas) constituem-se, pois, num *espaço marcadamente masculino*, voltado para a formação de um católico exemplar. É importante notar que esse modelo de ensino permanece no país por um longo tempo, mesmo depois de oficialmente afastado, ao final do século XVIII. (p. 98. *Grifos nossos*).

Já na segunda metade do século XIX, com as emergentes transformações sociais de um país recém independente, as instituições escolares brasileiras e seus docentes passam a adotar um “novo estatuto de escola”, inspirado nos recentes processos de urbanização da nação (LOURO, 2011). Nesse período, o magistério se tornará “uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de resignificação” (LOURO, 2011, p. 99. *Grifos da autora*). No entanto, as transformações sociais que atravessaram a configuração do trabalho docente foram marcadas pelas relações de gênero, estabelecendo condutas e atividades distintas para professoras e professores.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





No começo do século XX, o caráter feminino do magistério infantil se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria do professorado já era essencialmente feminino (VIANNA, 2002). Ao analisar essas transformações que permearam a trajetória da docência em nosso país, Vianna (2002) pondera que

(...) desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral (p. 85).

A partir desse ponto, considerando os caminhos históricos que foram se consolidando para o caráter feminino da docência no Brasil, retomamos uma questão emergente das entrevistas com os estudantes homens que explicitam a naturalização do curso de Pedagogia como um espaço (exclusivamente) feminino. Alguns entrevistados apontaram os “estranhamentos” sociais produzidos por ocuparem esse espaço. Ao narrar suas experiências na Faculdade de Educação, Eduardo³ assinala que em sua turma existem cinco colegas homens, no total de 35 estudantes. Segundo ele, os/as próprios/as docentes do curso de Pedagogia “estranham” esse número ao chegarem à sala, completando:

“Todos os professores falam: nossa! Quanto homem nessa turma! Até os professores estranham a presença de cinco homens em uma turma de 35 pessoas”. (Eduardo, Entrevista nº. 2 – 18 de set. de 2014).

As interpretações das experiências de Eduardo podem ser atravessadas pelas relações de gênero e pelo histórico da docência em nosso país. Como observado nas reflexões realizadas acima, a carreira no magistério foi sendo

³ Foram utilizados nomes fictícios para preservar as identidades dos sujeitos.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





configurada por meio de transformações sociais permeadas pelos gêneros. Como resultado dessas transformações, o curso de Pedagogia se constituiu em um espaço hegemônico de formação feminina, contribuindo para a construção de um perfil sobre seus/suas discentes. Pollock (1990) apud Louro (2011, p. 103), aponta “que todos os discursos sociais produzem representações”. Nesse contexto, analisamos que os discursos sociais acerca da formação em Pedagogia produzem e difundem um perfil sobre as/os estudantes que ocupam essa graduação, imagem que se confronta com a presença de sujeitos masculinos nesse espaço, acarretando “estranhamentos” e o estereótipo do “homem fora do lugar”.

Embora alguns “estranhamentos” sociais sejam exercidos pela presença masculina no curso de Pedagogia, alguns episódios relatados nas entrevistas apontam a forma como as relações de gênero organizam as experiências e as possibilidades que atravessam a convivência entre homens e mulheres. Luís, ao destacar sua participação no Diretório Acadêmico (D.A.), afirmou que quando se filiou à instância de representação estudantil, o D.A. do curso de Pedagogia possuía como presidente um homem, que se reelegeu meses depois. Prosseguindo, Luís reflete:

“Isso me causava um estranhamento... Como pode? [...]. Nessa coisa de coordenação e liderança parece que as mulheres correm...”.
(Luís, Entrevista nº. 4 – 19 de set. de 2014).

Na construção de argumentos para problematizar esse contexto, levando em conta que as posições de poder vão se constituindo por meio dos gêneros a partir da compreensão social e cultural de quem deve ocupar esses espaços, Louro (2011) destaca que “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (p. 21), o que ocasionou restritas participações femininas em instâncias de representação.

Outra discussão que atravessa as representações dos gêneros e de seus sujeitos são as “aptidões” de mulheres e homens no cuidado e na educação de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





crianças pequenas. Ao analisar essas habilidades atribuídas a professoras e professores, Eduardo usa como exemplo a situação em que uma criança pequena chora, dizendo:

“Eu não tenho muito o dom... Muito o trato com criança. (...). A mulher ela sabe, né? Se a criança tá chorando, a mulher vai lá e pega a criança no colo e a criança para de chorar e resolve o problema. Já o homem não... O homem vai lá e vai criar mais problema: vai quebrar alguma coisa, vai bater na criança...”.
(Eduardo, Entrevista nº. 2 – 18 de set. de 2014).

O relato sinaliza a consolidação das representações sociais de gênero que apontam o cuidado “natural” que as mulheres exercem em relação às crianças, considerando que “elas trazem consigo a vocação para a maternidade e as mães, por natureza, é que protegem e cuidam – com desvelo – dos filhos pequenos e jamais cometeriam qualquer tipo de maldade contra crianças” (RAMOS e XAVIER, 2012, p. 108).

Ainda no contexto das discussões sobre as representações sociais entre homens e mulheres, é válido ressaltar a organização da hierarquia docente em relação aos ganhos salariais, considerando que “mesmo com a feminização da docência, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social e recebem os salários mais altos” (VIANNA, 2002, p. 92). Analisando esse movimento ainda no processo de formação, Eduardo, Salvador e Rafael sinalizaram seus desejos em ocupar funções que superem as práticas nas escolas, seguindo caminhos na pós-graduação até a docência universitária, vislumbrando, dessa forma, melhores salários. Ao projetarem suas futuras trajetórias enquanto pedagogos, José e Luís afirmaram que desejam atuar em instituições escolares, descrevendo funções na coordenação pedagógica e na gestão educacional. Em uma análise desse contexto, os homens entrevistados não pretendem atuar nas salas de aula, espaço marcado no decorrer da história, como de atuação feminina e de baixas remunerações.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





2 – O medo/A suspeita da presença masculina na escola: ‘o fantasma da pedofilia’

Como vem sendo discutido neste trabalho, o curso de Pedagogia se constituiu como uma graduação preponderantemente feminina. Como consequência dessa observação, a escola também se consolida como um espaço profissional feminino (VIANNA, 2002). Ser homem, graduando e estagiário no curso de Pedagogia implica um conjunto de questões que atravessam a forma como as relações entre escola, família e estágio se articulam, produzindo diferentes desafios para as pedagogas e pedagogos em seus processos de formação. Reconhecendo esses desafios, quatro dos cinco entrevistados apontaram os desconfortos e desconfianças que são exercidas por instituições educacionais ao receberem um estagiário homem. É válido destacar que os processos de desconforto e desconfiança se acirram significativamente quando se tratam de escolas dedicadas ao atendimento de crianças pequenas, ou seja, aquelas que atendem à Educação Infantil. Em um recente estudo realizado por Ramos e Xavier (2012) na rede municipal de educação em BH/MG, os pesquisadores assinalaram que

Dentre outras constatações, na pesquisa aponta-se para a existência de inúmeras restrições quanto à presença de homens no exercício do cargo de educador infantil e também de cerceamentos na execução das ações inerentes à função – tanto por parte dos próprios profissionais das instituições participantes quanto por partes dos integrantes das famílias das crianças. Em linhas gerais, ficou explicitado pelos diferentes sujeitos participantes da pesquisa que a aceitação dos professores do sexo masculino somente se efetivará quando esses sujeitos conseguirem oferecer provas de que, além da competência e habilidade inerentes ao desempenho da função, são pessoas idôneas e não representam perigo para as crianças. (p. 102, 103).

Nesse contexto, as dificuldades para se obter um estágio se tornam latentes até nos processos de seleção para preenchimento das oportunidades. Rafael, por exemplo, destaca sua dificuldade em obter um estágio remunerado (não-obrigatório) em escolas que trabalham com a educação de crianças pequenas.

Realização:



Apoio:

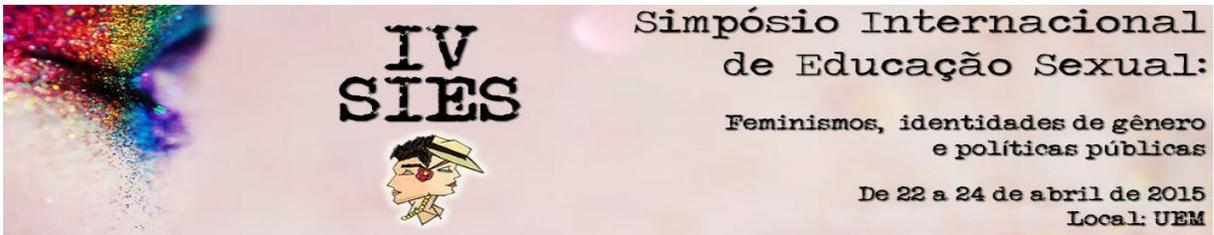


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





“(...) aqui em Juiz de Fora, fui procurar estágio e senti isso..., pelo fato de ser homem, eles não aceitaram muito bem a figura masculina na escola... Inclusive, eu tentei um estágio remunerado, porque eu vi um panfleto aqui na universidade, na FACED, fui lá, conversei com a pessoa, só que até hoje, nem retornaram nada... E eu imagino pelo fato de eu ser homem. (...). Não responderam nada”. (Rafael, Entrevista nº. 5 – 04 de nov. de 2014).

O relato de Rafael nos faz pensar que há um ‘silenciamento’ de respostas para a ocupação das vagas. Na maioria das vezes a escola solicita um tempo para analisar a possibilidade, mas não envia uma resposta. Luís também assinala uma experiência que se relaciona com essa realidade. Ao buscar uma escola para a realização de seu estágio em Educação Infantil (estágio obrigatório), optou por fazer em uma Escola Municipal de Educação Infantil perto de sua casa, onde também já havia estudado. Ao chegar à escola, foi recepcionado por um homem, professor de Educação Física das crianças, que havia assumido a direção da unidade. Luís destaca que para assegurar a possibilidade de estagiar ressaltou que já havia sido aluno da instituição quando criança, que sua família reside nos arredores da escola, que a comunidade lhe conhece, entre outros argumentos que apontassem para o gestor que ele não representaria qualquer perigo para as crianças.

“No primeiro momento, eu fiquei muito preocupado quando ele me olhou assim... E eu, assim, também vi um diretor, só que eu achei: vai ser até mais fácil, até porque ele parecia ser o único homem lá, em toda a escola. Eu não vi outro... Tirando o rapaz dos serviços gerais, né?! Nesse dia em que eu circulei lá na escola... Ele [diretor] me falou que era tranquilo, que... Aí eu expliquei de onde que eu era, que morava ali pertinho, que era dali da comunidade e que tinha interesse em fazer estágio na escola onde eu estudei, que faz parte do meu contexto, onde eu moro, da minha história”. (Luís, Entrevista nº. 4 – 19 de set. de 2014).

As experiências vivenciadas por Luís nos permitem questionar a hipótese de um estagiário “desconhecido”: será que ele poderia realizar seu estágio nessa escola? O que temem as instituições ao receberem homens como estagiários? Que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





'riscos' eles poderiam representar para as crianças que são atendidas? Mulheres não representam perigo?

Buscando pensar em possibilidades de análise sobre as resistências descritas, investimos no argumento de um possível exercício da pedofilia. Nossa sociedade, e a escola como uma instituição social, constrói e difunde possíveis perfis que representam perigo. Assim, quando se trata de crimes e/ou distúrbios que atentam contra as infâncias a imagem de sujeitos masculinos parece se sobressair, reforçando a possibilidade de homens se tornarem 'vilões' em doentias relações com crianças. De acordo com as descrições do Catálogo Internacional de Doenças (CID), a pedofilia é considerada um transtorno de preferência sexual, classificada como *parafilia* (*para* = desvio; *filia* = aquilo para que a pessoa é atraída) e também como uma perversão sexual. O CID apresenta informações minuciosas, destacando que a prática "*raramente é identificada em mulheres*" (FELIPE, 2006, *grifo nosso*). No entanto, mesmo com reduzidas possibilidades, a condição de pertencimento ao gênero feminino não isenta mulheres dessas práticas. Felipe (2006) ressalta que

(...) às campanhas em torno do combate à violência/abuso sexual e uma ampla divulgação na mídia envolvendo padres, médicos, educadores, artistas e outros acusados de pedofilia, têm levado a mudanças de comportamento e a um certo pânico moral, através de um monitoramento de possíveis ações que antes pareciam tão inofensivas, mas que hoje podem ser interpretadas ou mesmo confundidas como nocivas às crianças. Tal situação tem levado muitos profissionais, no campo da educação por exemplo, a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos. Refiro-me aos homens que trabalham com a educação infantil (0 a 6 anos) que, para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos. (p. 214).

As considerações tecidas por Felipe (2006) atribuem significados e nos dão elementos para associar reflexões para as práticas desenvolvidas por José, que narrou suas experiências enquanto estagiário/professor de música em uma escola particular da cidade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





“Eu me policio. Isso é interessante! Passa pela minha cabeça... por que a criança vem, às vezes senta no seu colo... Tio José, Tio José! E a escola abre as portas para os pais, os pais entram na escola, diferente de algumas outras escolas que os pais deixam a criança na porta. Na minha escola o pai leva o filho até dentro da sala de aula. O pai me encontra no corredor e pode conversar comigo. Eu tô dando uma aula, o pai passa. Isso é: como é o olhar do outro sobre a minha prática... A criança tá no meu colo: se for um menino tudo bem; se for uma menina tudo bem! (...). Eu sofro olhares quando eu me permito ser olhado”. (José, Entrevista n.º. 1 – 19 de set. de 2014).

O depoimento de José sugere uma preocupação com os ‘olhares’ que podem ser (ou são) construídos a partir de sua presença na escola. Para evitar problemas, ele criou um conjunto de mecanismos para expor suas práticas no estágio, visando afastar qualquer olhar de desconfiança. Dessa forma, ele permite que outros/as profissionais da instituição acompanhem o desenvolvimento de suas atividades com as crianças, que os familiares se aproximem dele para conversar e conhecê-lo ou que as crianças sentem em seu colo, desde que isso seja observado por outros e outras. Tal postura também foi evidenciada nas pesquisas que Ramos e Xavier (2010, 2012) desenvolveram com os professores homens na Educação Infantil. Segundo os autores,

Ao ingressarem nas instituições, esses docentes recebiam “autorização” para exercerem as atividades docentes em espaços onde eram facilmente observados por outros adultos, como a quadra, os laboratórios, as oficinas, as bibliotecas ou nas turmas de crianças maiores. A relação que esses profissionais estabeleciam com a dimensão do cuidado das crianças era balizada por inúmeras interdições: de maneira tácita, uma das formas encontradas para driblar o “olhar vigilante e acusador” era trabalhar sempre acompanhados de outros adultos. Dessa maneira, o banho das crianças, por exemplo, era dividido por gênero: as professoras se encarregavam dos banhos das meninas e os professores, dos banhos dos meninos. (RAMOS e XAVIER, 2012, p. 103).

O “olhar vigilante e acusador” adquire significado quando “as próprias manifestações de afeto e interesse de homens por crianças pequenas podem ser

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





vistas, nos dias de hoje, com certa desconfiança” (FELIPE, 2006, p. 214). Esse pensamento valida a vigilância constante de José e de suas posturas e práticas, mesmo que de uma forma sutil, no cotidiano da instituição. Tais experiências nos instigam a questionar: que “olhares” são esses que organizam a presença e as ações de estagiários homens com as crianças? Será que existem os mesmos “olhares” com as estagiárias que realizam suas atividades nessas escolas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESAFIO DE AMPLIAR DEBATES

Com nossos movimentos de pesquisa e inquietações, buscamos contribuir para a ampliação de debates que provoquem a desconstrução de ideias cristalizadas, de “verdades” absolutas e de “funções” naturalizadas. A necessidade de se pensar e promover discussões sobre gênero no processo de formação de professoras e professores se consolida como uma conquista curricular que possibilita a mudança de atitudes e concepções na prática docente. Nesse contexto, validando essa perspectiva, o curso de Pedagogia da UFJF oferece aos seus discentes a possibilidade de reflexão acerca das discussões que atravessam as questões de gênero e sexualidade em duas disciplinas opcionais em seu currículo. Destacamos a relevância desses espaços curriculares que possibilitam a discussão, produção e difusão de conhecimentos sobre as questões de gênero, entre eles a problematização da eminência feminina na graduação em Pedagogia. Ao que nos parece, a emergência e discussão dessa temática tem tido pouco destaque nos currículos de formação em Pedagogia, algo que pode contribuir para a naturalização da ‘presença’ feminina e da ‘presença-ausência’ masculina nesses cursos. Dessa forma, questionamos se essa aparente ausência de reflexões poderia contribuir para reforçar o discurso hegemônico de gênero na educação escolar de crianças pequenas e na distribuição das “funções” para mulheres e homens.

Ao apresentar essas discussões, também nos inquietamos com o limitado número de estudantes homens no curso de Pedagogia, relacionada à hipótese de que a pouca procura, o abandono da graduação ou da profissão docente esteja

Realização:



Apoio:

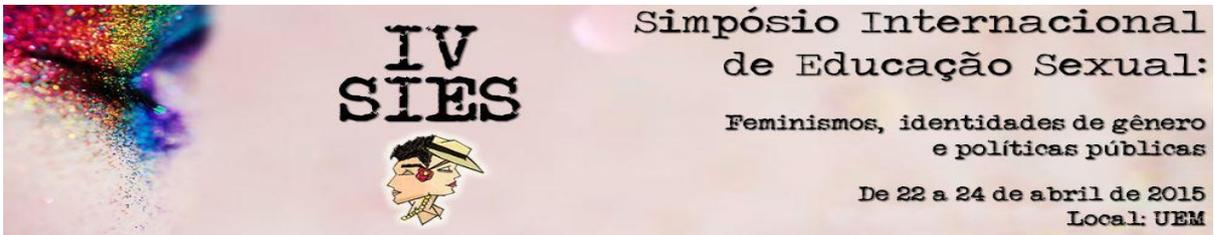


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





relacionado com fatores que tangem às relações de gênero, já que na formação acadêmica inicial não há discursos profundos sobre esses desafios.

Com a realização e análise das entrevistas dos estudantes homens do curso de Pedagogia, conseguimos nos inquietar com outras questões e problematizar as experiências relatadas, seguindo por outras direções a fim de ‘compreender’ os questionamentos que nos trouxeram para construção dessa pesquisa. No entanto, nosso ‘compreender’ abandona a pretensão de dominar completamente o assunto, pois como destaca Louro (2007), “a tarefa de conhecer é sempre incompleta, sem fim” (p. 238), de modo que não nos satisfaçamos com respostas ou soluções imediatas. Assim, esperamos que os nossos empenhos na construção dessa pesquisa possam contribuir para a manutenção de uma insatisfação constante, nos possibilitando refletir além de conclusões.

REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, F. A. **Homens fora do lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças**. 2007. In: Anais eletrônicos da 30ª Reunião da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>>. Acesso em 01 de set. de 2014.

FELIPE, J. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>>. Acesso em 21 de nov. de 2014.

FONSECA, T. S. M. **Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





LOURO, G.L. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade e Culturas**, Cidade do Porto, n. 25, 2007. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>>. Acesso em: 08 de set. de 2014.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 21 de nov. de 2014.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RAMOS, J.; XAVIER, M. C. Percepções da comunidade escolar sobre os professores homens na Educação Infantil. **Paideia**, Belo Horizonte, n.12, p. 99-115, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1581/991>>. Acesso em 22 de nov. de 2014.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03>>. Acesso em 01 de set. de 2014.

“IS PEDAGOGY MAN’S PLACE?” THINKING IN GENDER RELATIONS FROM THE COURSE OF PEDAGOGY AT UFJF

ABSTRACT

This work is part of contemporary researches that intend to discuss the ways through which gender relations and sexuality form subjects. The starting point arises from questions and concerns towards teacher training in Pedagogy courses. The inspiration to conduct this study were the post-critical research methodologies in education (MEYER and PARAÍSO, 2012). The research focuses on the School of Education of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF). In the investigation, we interviewed five male students who agreed to share their experiences and perceptions as male subjects in the School of Pedagogy at UFJF. Adopting as a

Realização:



Apoio:

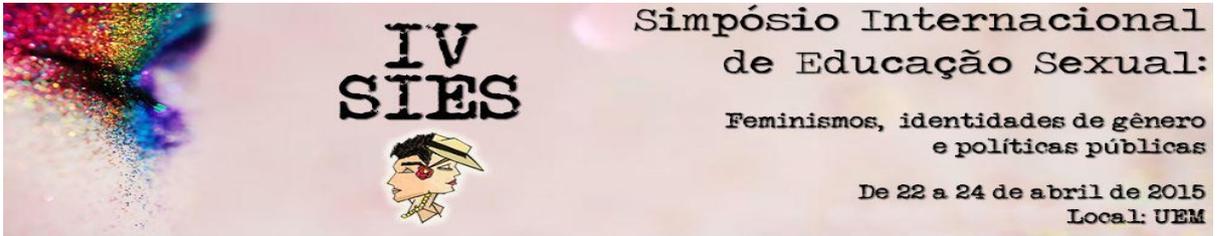


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





base the results of this investigative process, some reflections were made on the “naturalization” of the School of Education as a female space (exclusively) and the “strangeness” concerning male teaching in the early years.

Keywords: Education; men; gender relations; subjectivity.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:

